

Jane Costello

CORRA, ABBY,
CORRÁ!

Na corrida pelo amor, você tem que ir com tudo

Tradução de
RYTA VINAGRE

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

Capítulo 1

Vivo com medo de uma palavra de seis letras. Uma que sibila em meu cérebro quase constantemente, implicando comigo e me atormentando com o fato de que, mais cedo ou mais tarde, vai me dar uma rasteira.

A palavra? *Atraso*. Por exemplo, vou me atrasar. Em geral catastrófica.

Tudo bem, então as consequências ainda não precisam ser catastróficas, mas tornam-se inevitáveis, uma vez que ultimamente o atraso e eu flertamos com uma frequência escandalosa.

Nesse meio-tempo, eu me meto em apresentações em cima da hora, cheia de desculpas e com a testa pegajosa, percebendo, com o rosto em brasa, que esqueci alguma coisa. Como um cartão de memória, ou folhetos, ou... *a calcinha*.

Ah, meu Deus, minha calcinha. Felizmente percebi meu erro no meio do caminho esta manhã e corri de volta para casa e comecei tudo de novo.

Mas em dias assim, quando minha agenda inacreditável me leva a dirigir para o meu compromisso seguinte como se estivesse fugindo da justiça, não posso deixar o desespero tomar conta de mim.

A viagem frenética de vinte minutos é um espelho de todo o meu dia — um inferno multitarefas em que mesclei a direção do carro com várias outras proezas: esgotar a bateria do celular com umas sete chamadas, passar corretivo nas olheiras e almoçar. Uso a palavra em seu sentido mais frouxo, dado que minhas batatas fritas anêmicas e o hambúrguer mole mal chegavam a ponto de ser comestíveis.

Dou uma última mordida no hambúrguer e descarto o resto no banco do carona quando olho no relógio e vejo que são três e quarenta e cinco da tarde. Numa tentativa de me distrair de minhas loucas palpitações, concentro-me na apresentação que tenho pela frente. Decorei as três primeiras frases, segundo as instruções do curso de oratória que fiz no ano passado.

— Senhoras e SENHORES. — Seguro o volante com força e abro um sorriso demoníaco (o instrutor insistia que qualquer coisa menos entusiasmada propaga vibrações erradas). — Um ÓTIMO dia para TODOS vocês.

Estamos na parte da tarde.

Início brilhante, Abby. Que empresária convincente você é.

Este é um termo que ainda faz com que eu me encolha de medo. Como se eu pensasse que alguém como eu — com 28 anos e ainda tateando pelo mundo dos negócios um ano e meio depois de começar — está na mesma categoria de Richard Branson.

Posso ter minha própria empresa; posso ter cartões de apresentação com as palavras *Diretora Administrativa*, mas duvido que eu esteja enganando alguém. Eu não seria menos convincente como magnata se meu nome fosse Miss Piggy.

— MEU NOME é Abigail Rogers e HOJE vou LHES dizer o que a River Web Design pode fazer por VOCÊS.

Tem que haver muitas inflexões vocais. Sei que o instrutor disse para destacar três palavras num parágrafo, mas isso parece muito *Coração valente*.

Sempre me pergunto se um dia vou ficar à vontade com a ideia de ser a chefe. Quando entrei para uma grande empresa logo depois de sair da faculdade, não era exatamente o que eu tinha em mente. E gostei do meu último emprego, então não posso dizer que fui impedida a fazer isso por um gerente porco ou por clientes maus que não gostavam de mim.

Ao contrário, de tanto ouvir que eu era boa no que fazia — e de um dos muitos episódios de *O aprendiz* —, plantou-se a semente de uma

ideia que por fim me deu um empurrão. Só me sentirei qualificada a dizer se foi a decisão certa daqui a um ano. Ou dez.

— A River Web Design é uma equipe pequena mas ALTAMENTE PROFISSIONAL, de quatro pessoas. Temos orgulho da nossa CRIATIVIDADE (pausa estratégica), nossa DILIGÊNCIA (idem) e de nossa capacidade de compreender o que os clientes e os consumidores REALMENTE QUEREM.

Deixa para outro sorriso bobo.

Ultimamente passo uma quantidade ridícula de tempo em meu carro; um fato que quase não justifica o dinheiro obscuro que paguei a uma seguradora para renovar minha apólice ontem.

No ano passado, fui particularmente azarada no fronte automotivo; um aranhão numa BMW enquanto manobrava numa vaga no supermercado e outro em um caminhão articulado quando estava numa rotatória me deixaram com o tipo de prêmio que cobram no seguro de um Learjet.

O sinal fecha e olho o mapa, xingando por ter deixado meu GPS no escritório. Reduzo a velocidade e espio uma placa à esquerda, com o coração acelerando quando um motorista buzina para mim.

— Merda! — Devo ter entrado na rua errada.

Piso no acelerador, olhando para os lados, procurando onde virar. Com um comboio de motoristas exasperados atrás de mim, disparo por uma rua estreita entre dois prédios e me vejo em um estacionamento pequeno e lotado. Giro o volante para começar a manobrar.

Quando olho o relógio, paro momentaneamente para enfiar um punhado de batatas fritas na boca e fazê-las descer com Coca-Cola. Bato a bebida no suporte, engreno a ré e piso no acelerador enquanto engulo a comida e começo de novo.

— Boa TARDE, senhoras e senhores, e BEM-VIND...

O baque reverbera pelo meu carro quando ele para de repente, atirando-me para a frente como um golpe de chicote. O pânico dispara pelo meu corpo e vejo a Coca derramar no freio de mão. Sem fôlego e tremendo, eu me viro para olhar pelo retrovisor.

Não vejo nada, só o muro de concreto da câmara de vereadores a pelo menos 3 metros de distância. Ah, graças a Deus — só bati num poste!

Estou tremendo quando abro a porta do carro. E então vejo.

Levo um segundo para registrar a mão com os dedos imóveis, enroscada e sem vida ao lado do meu pneu. Um leve arquejar escapa de meus lábios e tenho dificuldade de respirar.

Não acredito. Eu matei alguém? Eu realmente matei alguém?

Capítulo 2

Ai. Meu. Deus.

Salto do carro e corro para a traseira dele enquanto meu coração, meu estômago e meus outros órgãos vitais entram em fusão. Minha vítima está deitada de costas, com o capacete a vários metros de distância. A moto está caída sobre suas coxas musculosas, a cor azul-escura brilhando no sol de início de julho.

Abaixo-me para pegar sua mão e percebo que ainda está quente. É uma mão linda, grande e forte, com a pele bronzeada, esfolada em volta dos nós dos dedos. Ocorre-me o quanto ele é jovem. E, graças a mim, esta mão não vai envelhecer e ficar artrítica, como seria de se esperar.

— Desculpe — sussurro. — Peço mil desculpas. — Meus olhos estão pesados de lágrimas e tento pensar friamente. Olho em volta no estacionamento mas não há ninguém por perto, só o barulho do trânsito cortando a rua adjacente. Disparo para minha porta aberta e pego a bolsa, na qual freneticamente procuro pelo meu celular. Disco o número da emergência e aperto Ligar... Quando a bateria morre.

— Mas que *merda!* — Tento a respiração cachorrinho controlada que minha melhor amiga Jess fazia em suas aulas no pré-natal enquanto falo. São tão eficazes para reduzir minha ansiedade quanto um desfibrilador de alta voltagem.

Volto correndo à traseira do carro, na esperança vã de que o homem que achatei com meus pneus vá estar de pé, vivo e muito bem.

Mas ele não está.

Seguro seu pulso, desesperada para sentir uma centelha que seja de vida, mas não encontro a pulsação. Não há nada.

— SOCOOOOOOOORROOOO! — Minha voz ecoa pelo estacionamento antes de eu perceber que ninguém virá me ajudar.

Puxo a saia para cima e me ajoelho para examiná-lo: ele é musculoso e forte, tem o corpo de um atleta.

Vamos lá, Abby. Só há uma coisa a fazer. Precisa fazer RCP. ISSO!

Só que não sei fazer ressuscitação cardiopulmonar.

Decido tentar assim mesmo e me esforço para me lembrar de cada fiapo de informação sobre primeiros socorros que tenho. Que se resume a um distintivo de escoteira recebido em 1989 e ao episódio da semana passada de *Holby City* da BBC.

Pense!

Primeiro faço o boca a boca ou aquelas coisas de compressão com as mãos? Acho que deve ser isso primeiro. Mas preciso prepará-lo para o segundo procedimento, de qualquer forma. Com mãos atrapalhadas, abro o zíper da jaqueta dele para revelar um peito forte, sobre o qual estão abertos dois botões da camisa.

Verifico a boca, procurando por objetos estranhos. Tenho certeza de que li isso em algum lugar, mas só Deus sabe o que estou procurando. Uma moedinha, talvez, ou uma meia extraviada? Talvez uma daquelas armas de destruição em massa que nunca apareceram...

Por que estou pensando nessas coisas?

Inclino a cabeça dele para trás e respiro fundo. Muito bem. Vamos lá. Minha boca vai em direção à dele, meu coração espanca minhas costelas. Enfim, tomo uma golfada de ar, fecho os olhos... E colo meus lábios nos dele.

Naquele exato momento percebo que cometi um erro — eu devia ter fechado o nariz dele — e noto outra coisa. Os lábios dele não parecem os de alguém que está inconsciente. E certamente ele não está morto.

Levo um segundo para entender o porquê — e, quando entendo o que está acontecendo, tenho o maior choque da minha vida. Os lábios dele estão se mexendo. Estão... Ah, meu Deus, estamos nos beijando!

Recuo num solavanco e o fuzilo de olhos arregalados.

Ele está no início dos 30 anos, é absurdamente bonito e bronzeado, com queixo definido e lábios suntuosos. Seu cabelo é escuro, quase preto, e cortado bem curto, disfarçando o mais leve cacheado.

Ele morde o lábio devagar, como se provasse meu gosto, e seus olhos se abrem. São verdes. Ou castanhos. Não, as duas coisas — da cor de uma floresta. Mais importante, são os olhos de alguém bem vivo.

Surpresa, vejo que ele pisca e mexe o maxilar de um lado para o outro, como se despertasse de um sono profundo. Ele me olha. E eu rio. Rio incontrolavelmente pela mera alegria de não ter acrescentado homicídio à minha lista de realizações do dia.

— Ah, obrigada, meu Deus. Obrigada! — Não consigo me conter. — E obrigada meu Deus de novo!

Depois baixo os olhos e vejo a expressão do estranho — e percebo que tenho explicações a dar.

— Você sempre dá ré a 60 quilômetros por hora?

Suas coxas firmes escoram o peso do corpo quando ele se agacha, examinando a moto. Só tenho certeza de uma coisa sobre motos: não as suporto. Mas esta parece cara. Pelo menos parecia. Agora parece ter sido pisoteada por uma manada de rinocerontes.

— Olha, me desculpe — digo, tentando manter a frieza —, mas não estava nem perto de 60 por hora.

Ele se vira e me olha com raiva. É fisicamente imponente, tem braços que se flexionam quando ele puxa um pedaço da moto.

— Estava numa velocidade suficiente para quase me matar — rebate ele.

— Ah, não vamos exagerar. — Abro um sorriso nervoso, tentando deixar o clima mais leve.

— Exagerar? — repete ele, deixando claro que minha tentativa não teve sucesso algum. — Não preciso exagerar. Você me nocauteou.

Apesar das circunstâncias, algo no que ele diz é hipnótico — ele tem o tipo de voz que flutua por uma sala e envolve você. Somando isso à aparência dele, só posso concluir que esse cara é um gato.

— Vai sair caro pra consertar — diz ele em seguida. — Espero que tenha seguro.

Meu coração afunda à menção do seguro, que traz um tsunami de outras questões, como meus prêmios cataclísmicos e zero reembolso.

— Claro. — Falo no tom mais neutro que consigo, aquele que levei anos para dominar. — Mas talvez... — Estou prestes a propor pagar eu mesma e nem consultar minha seguradora quando paro, censurando-me por quase cair nessa armadilha óbvia.

Há pouco tempo li um artigo reforçando a importância de *nunca* admitir responsabilidade no calor do momento, por mais tentada que você fique a se desculpar. Ocorreu-me na hora que devia ser aí que eu iria errar — além de causar todos os acidentes, antes de mais nada, é claro, mas não vamos nos ater a isso.

— Você disse alguma coisa? — pergunta ele, mexendo em outra peça da moto. Ele ergue os olhos pensativos.

Abro um sorriso doce.

— Não.

— Muito bem. — Ele se levanta e esfrega as palmas das mãos nas coxas. — Bom, se trocarmos nossos contatos, posso falar com minha seguradora assim que possível.

— Tudo bem — digo com cautela. — Está concluindo então que a responsável sou eu?

Sua expressão fica sombria de novo.

— É claro que a responsável é você.

— Bom — respondo —, acho que a decisão é das seguradoras.

Essa não caiu muito bem.

— Deixa eu ver se entendi isso direito: estou cuidando da minha vida, rodando com minha moto por um estacionamento, e de repente só o que sei é que a traseira de um Citroën C4 dispara em minha direção...

— Se eu *puder* explicar...

— Você não pensou na possibilidade de algo ou alguém estar no caminho. Na realidade, pelo que pude ver, você estava ocupada demais falando sozinha para pensar em alguma coisa.

— Eu não estava *falando* sozinha, estava treinando...

— Você simplesmente engrenou a ré no carro e acelerou. A 60 por hora.

Nós nos olhamos fixamente.

— Eu *não* estava a 60 por hora — rebato entre os dentes. — E quanto à história de falar sozinha... Tudo bem. — Cruzo os braços. — Eu *estava* falando sozinha. E daí? Meu monólogo foi mais agradável que essa conversa.

Um segundo depois e tenho certeza de que o lábio dele quase se torce num sorriso.

— Olha — digo, rompendo deliberadamente o contato visual —, eu já pedi desculpas.

— Pediu, é? Não me lembro.

— Pelo que me recordo — digo, pacientemente —, minhas exatas palavras foram: *Me desculpe. Peço mil desculpas.*

Ele fica genuinamente perplexo. E então eu entendo: ele estava inconsciente quando eu disse isso.

— Olha, talvez a gente deva acertar logo as coisas — digo apressadamente. — Eu preciso ir.

— Acertar as coisas?

— Trocar telefones.

— É muito gentil da sua parte se oferecer, mas estarei ocupado nos próximos fins de semana. Além disso, já tenho namorada.

— Eu quis dizer para o seguro! Não porque... — Paro no meio da frase, percebendo que era provocação dele. — Tem uma caneta?

— Eu, não — diz ele, tateando os bolsos. — Você tem?

— Espere aqui. — Vou ao carro, onde procuro uma esferográfica na bolsa, mas tenho que me virar com meu lápis labial Bobbi Brown. Enquanto endireito o corpo, sinto os olhos dele em minhas pernas e me viro. Ele desvia o olhar e não consigo saber se foi apenas minha imaginação. Ou se eu queria ter imaginado. Começo a escrever, mas paro quase de imediato.

— O que foi? — pergunta ele.

— Não me lembro do nome da minha seguradora. — Sinceramente não me lembro, e fico pasma com isso. Lidei com eles em três ocasiões diferentes no ano passado; posso te dizer os nomes de pelo menos seis integrantes da equipe do call center — e de quase todos os filhos deles também. Até fui convidada para as bodas de prata de um deles no ano passado.

— Está brincando? — diz ele.

— Olha, este é meu endereço... E meu e-mail. Me procure e vou te passar as informações. — Enfiou um cartão de apresentação em sua mão, com meu endereço de casa. Quando ele pega o cartão da minha mão, minha pele roça na dele e fico vermelha, xingando a mim mesma de novo. A ideia de inflar o ego de alguém que (a) claramente não se esforça para atrair o sexo oposto e (b) está prestes a me deparar no seguro, é quase dolorosa.

— Obrigado — diz ele rispidamente, tirando outro cartão das minhas mãos e escrevendo seu e-mail nele. Meu lápis labial agora parece pertencer a um kit de colorir de uma criança de 5 anos. — Vou entrar em contato.

— Ótimo — murmuro com sarcasmo.

Esta aparentemente não foi a coisa certa a dizer.

— Eu não pedi isso — diz ele friamente. — Que alguém me atropelasse, quase destruísse minha moto e quase me matasse.

A raiva sobe em meu peito.

— Não é verdade que eu quase te matei.

— O que é uma pequena concussão entre amigos, né?

— Não somos amigos — digo categoricamente.

Ele levanta a moto e olha os restos amassados.

— Não. Não somos mesmo.

Capítulo 3

Cheguei ao escritório da Max Crane Law com um minuto e meio de folga. O que seria ótimo se eu estivesse com uma aparência respeitável, mas meu cabelo em particular está horrendo. Está comprido demais (já passa dos ombros) e não é suficientemente louro, tudo por culpa da minha recente falta de tempo para uma ida ao cabeleireiro. Agora, graças ao esforço para chegar aqui, ele parece ter sido arrumado com um soprador de folhas de jardim.

Além disso, e do tom rosado que minha pele adquiriu com todo esse exercício, meus joelhos dão a impressão de que tentei depilá-los com um bisturi enferrujado.

Depois de verificar se estou mesmo sozinha no banheiro feminino, levanto a saia e meto a perna em uma cuba de vidro fosco — lavando freneticamente os vestígios de sangue e areia com um sabonete líquido para as mãos que tem cheiro de lavanda — quando a porta se abre. Parada ali está Letitia Hooper, diretora de desenvolvimento de negócios e marketing — vulgo A Mandachuva. Pelo menos no que diz respeito à apresentação de vendas de hoje.

Letitia, com quem frequentemente me encontro em eventos de parcerias profissionais, tem apenas 37 anos, mas se veste como a diretora de um internato para meninas, tanto que sempre que a vejo acho que vou ser posta de castigo.

— Ah, Letitia! — Tiro a perna da pia e acabo espirrando água no rosto dela. Ela pisca duas vezes, tirando um pouco de rímel dos cílios, e me olha de cima a baixo. — Desculpe por isso. — Vou descalça para as toalhas de papel. — Como vai?

Começo a arrancar toalhas e seco minhas pernas.

— Bem, obrigada, Abby — responde ela. — Encontrei uma de suas funcionárias no almoço na semana passada... Heidi Hughes.

— Ah, sim, Heidi. — Eu sorrio, satisfeita com esta evolução, pois sei que ela não me decepcionaria. — Ela está na empresa praticamente desde o início.

— Uma jovem impressionante — diz Letitia. — Certamente fez um bom trabalho na promoção de seus serviços.

Faço uma nota mentalmente para agradecer a Heidi quando a encontrar, embora isso seja típico dela e um dos motivos que me levaram promovê-la a diretora de design algumas semanas atrás.

O primeiro dia de trabalho de Heidi, há mais de um ano, não teria impressionado um gerente de recursos humanos.

O problema não era Heidi. Ela nunca foi problema. Era a chefe dela, cuja carreira recentemente havia passado por uma grande mudança.

Ao abrir a porta do nosso escritório no quarto andar naquele primeiro dia, notei o sorriso ansioso e franco de Heidi, seu rosto simpático. Ela era uma mulher bonita, de 25 anos, cabelo louro arruivado, uma boca de querubim e um nariz salpicado de sardas.

Ela chegou cedo e respondeu ao meu papo furado com uma tagarelise em alta velocidade, traindo o nervosismo ao subirmos os oito andares. Pensei na época que Heidi já teria milhagem extra com seu terninho de saia cinza chique, porque era o primeiro dia, mas agora sei que ela sempre se veste assim para trabalhar.

— É bonito — disse ela, radiante, olhando o escritório, um armário de vassouras bem-localizado no distrito financeiro de Liverpool. Sua entrevista aconteceu numa cafeteria do outro lado da rua para que esta fosse a primeira vez que visse seu novo local de trabalho. — Onde vou me sentar?

Eu torcia muito para que essa questão não fosse levantada.

— Um dia... Ali.

Apontei para um pedaço vazio do carpete. Ela franziu o cenho.

— Isso é meio constrangedor — falei num tom de desculpas —, mas sua mesa e o computador serão entregues amanhã. A culpa é minha... Demorei para fazer o pedido. Tinha tanto o que fazer e, como estive sozinha até agora... Olha, não vou te aborrecer com os detalhes. Vou ter que sair daqui a pouco, então pode usar minha mesa.

Joguei uma montanha de papéis e pacotes de doces de amendoim para o lado, murmurando mais desculpas. Ela escondeu muito bem suas preocupações.

O currículo de Heidi era ótimo. Ela teve uma boa formação e havia trabalhado para uma grande agência de publicidade — como eu. Mas não foi seu currículo que lhe garantiu o emprego; ela era entusiasmada, despreziosa, agradável e, esperava eu, cheia de iniciativa.

Quando voltei ao escritório no final do dia, ela havia pesquisado nossos clientes atuais, preparado uma lista de possíveis clientes, esboçado sugestões para o novo equipamento de escritório e arrumado o armário de material, que antes parecia o cenário de uma luta pelo título mundial entre duas galinhas. E eu só fiquei na rua por quatro horas.

Devo confessar que na época me passou pela cabeça — nada caritativamente — que Heidi podia ser boa demais para ser verdade. Éramos só nós duas neste escritório, e eu queria uma pessoa com quem pudesse rir também.

No fim do dia, tive que dizer a ela que era hora de ir para casa.

— Obrigada pelo ótimo primeiro dia — disse ela, sorrindo e vestindo o casaco. — Gostei muito.

— Não... *Eu* é que agradeço. Será mais fácil amanhã, quando não tivermos de nos empoleirar na mesma mesa. Olha, que tal um drinque? — sugeri.

Sua expressão de repente ficou séria.

— A empresa não tem política de álcool?

Eu ri, mas com medo de que ela não estivesse brincando.

— Até agora, não. Por quê? Como você acha que deve ser a política da empresa em relação ao álcool?

— Deve ser compulsória.

Passamos o resto da tarde rindo, falando de empregos anteriores e comparando nossa vida amorosa (uma pior que a outra).

E Heidi é assim. Sempre foi cheia de surpresas.